

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS



A T A S

D O

I SIMPÓSIO

SOBRE A

DIVERSIDADE LINGÜÍSTICA NO BRASIL

(Comemorativo do centenário de nascimento
de ANTENOR NASCENTES e dos 40 anos de
criação da UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA)

SALVADOR (14-17/outubro/1986)

Realizado com o apoio do CNPq e do INEP



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
Salvador
1986

BIC / MEMÓRIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
TOMAMENTO PATRIMONIAL
Nº 807233 Data 29/11/05

REITOR: Germano Tabacof

VICE-REITORA: Eliane Azevedo

DIRETORA DO INSTITUTO DE LETRAS: Celina de Araújo Scheinowitz

COMISSÃO ORGANIZADORA DO SIMPÓSIO:

Suzana Alice Marcelino Cardoso
Carlota de Silveira Ferreira
Judith Mendes de Aguiar Freitas
Jacyra Andrade Mota

ORGANIZAÇÃO DAS ATAS: Judith Mendes de Aguiar Freitas
Jacyra Andrade Mota

CAPA: Moacy Gramacho

DATILOGRAFIA: Maria da Conceição Moreira Tourinho

DUPLICAÇÃO MECANOGRÁFICA: Almiro Pereira Santos

Simpósio sobre a Diversidade Lingüística no
Brasil (1.: 1986: Salvador)

I Simpósio sobre a Diversidade Lingüística
no Brasil: [Atas] / Organizadores Judith
Mendes de Aguiar Freitas e Jacyra Andrade
Mota. - Salvador: Instituto de Letras da
UFBA., 1986

308 páginas

1. Língua Portuguesa. 2. Dialectologia.
3. Fonologia. 4. Morfo-sintaxe. 5. Socio-
lingüística. 6. Literatura Popular. I. Tí-
tulo.

061.3:801(81)
S

A P R E S E N T A Ç Ã O

A realização do Simpósio sobre a Diversidade Lingüística no Brasil, homenagem a Antenor Nascente e comemoração dos quarenta anos de criação da Universidade Federal da Bahia, correspondeu plenamente ao que se tinha idealizado. A ampla participação das universidades — vinte e sete universidades brasileiras e duas estrangeiras se fizeram representar — e um total de quarenta e três trabalhos apresentados comprovam a importância e oportunidade de eventos dessa natureza, destinados à discussão de temas, os mais diversos, atinentes à Língua Portuguesa.

Neste volume de ATAS reúnem-se os trabalhos apresentados e entregues para publicação, todos eles relevantes para o estudo da Língua Portuguesa. As dificuldades com que contamos para a divulgação da produção científica, mormente na Área das Letras, fez-nos optar por uma edição modesta mas não distanciada da realização do evento. Assim a aparente perda se vê compensada pelo fato de passarmos a ter acesso, pouco tempo após a realização do Simpósio, à substancial produção nele veiculada.

Esperamos, pois, ao pôr à disposição dos interessados as ATAS DO I SIMPÓSIO SOBRE A DIVERSIDADE LINGÜÍSTICA NO BRASIL estar atendendo, ainda que modestamente, à recomendação do nosso homenageado:

"... o que não se pode contestar é a existência de variação entre a língua do Brasil e a de sua antiga metrópole e é isso principalmente o que nos interessa e o que nos cumpre estudar".

(O linguajar carioca. Rio de Janeiro, Organização Simões, 1953, p.12).

Salvador-Bahia, 30 de dezembro de 1986

SUZANA ALICE MARCELINO CARDOSO

Í N D I C E

pág.

ABERTURA

SCH EINOWITZ, Celina..... 7

SAUDAÇÃO AOS PARTICIPANTES

CARDOSO, Suzana Alice..... 9

CONFERÊNCIAS

HOUAISS, Antônio. "Língua de cultura e diversidade lingüística"..... 13

TEYSSIER, Paul. "O vocabulário do cavalo no Brasil: observações sobre certas áreas lexicais"..... 22a

PAINEL: "Atlas Lingüísticos do Brasil"

ARAGÃO, Maria do Socorro (Paraíba)..... 23

FERREIRA, Carlota (Bahia/Sergipe)..... 35

COMUNICAÇÕES

DIALECTOLOGIA RURAL:

AGUILERA, Vanderci de Andrade. "Atlas Lingüístico do Paraná"..... 59

ANDRADE, Maria Margarida de. "Uma pesquisa sobre a linguagem dos castanheiros da região de Marabá (Pará)..... 73

ARAÚJO, Filho, José. (Coordenador) *et alii*. "Projeto ALFAS. Uma análise lingüística do falar sergipano". 79

FERNANDES, Zilda. "Aspectos lingüísticos da Cuiabania: características fonéticas"..... 85

HEAD, Brian F. "Relações entre linguagem rural brasileira e portuguesa"..... 89

KOCH, Walter. "Mapeamento das áreas bilíngües do Rio Grande do Sul. (Relatório de pesquisa em andamento)". 99

MATTOS, Janira Farias de. "Vocabulário da jangada em Itamaracá"..... 109

MOTA, Jacyra e ROLLEMBERG, Vera. "Consoantes implisivas no 'falar baiano'"..... 125

PEREIRA, Cilene *et alii*. "O Atlas Etnolingüístico dos pescadores do Estado do Rio de Janeiro: questionamentos e caminhos"..... 139

DIALECTOLOGIA URBANA:

ALBÁN, Maria del Rosário; RAPP, Carola; PASSOS, Francelina; OLIVEIRA, Ivonete e CRUZ, Rosineide. "Nós e a gente: uma sondagem na norma culta brasileira"..... 147

BARRETO, Therezinha. "Para onde vão os relativos?"... 157

CALLOU, Dinah Maria e LEITE, Yonne. "Variações das vogais pretônicas"..... 167

CARVALHO, Nelly. "As funções da linguagem na propaganda eleitoral. Análise dos <u>slogans</u> , <u>jingles</u> e <u>dísticos</u> na campanha para governador de Pernambuco em 1986: Miguel Arraes x Múcio".....	171
COSTA, Sônia B. "Tempo e aspecto em <u>já</u> e <u>ainda</u> ".....	175
FERNANDES, Eulália e GOSKI, Edair. "A concordância verbal com os sujeitos <u>nós</u> e <u>a gente</u> : um mecanismo do discurso em mudança".....	183
LOBO, Tânia; RAMACCIOTTI, Dante; RAPP, Carola e MOTA, Jacyra (Orientador). "Colocação dos pronomes <u>âtonos</u> na norma urbana culta de Salvador".....	193
OLIVEIRA, Célia Therezinha. "Notícias sobre o estudo do léxico na fala culta carioca".....	205
PESSOA, Maria Angélica. "O <u>s</u> pós-vocálico na fala de Natal".....	209
SILVA, Myrian. "Ainda sobre a natureza vocálica da semivogal em português".....	217

VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA E ENSINO DO PORTUGUÊS

CARDOSO, Suzana Alice. " <u>Ter/haver</u> no português do Brasil: mudança lingüística e ensino".....	223
FREITAS, Judith; FRANCO, Dione e CARDOSO, Ricardo. " <u>Nós</u> e <u>a gente</u> na escola".....	227
FREITAS, Judith e SILVA, Alba. " <u>Tu</u> e <u>ocê</u> na escola".....	237
MUNIZ, Dinêa Sobral. "A expressão oral na escola de 1º grau: aspectos lingüísticos e educacionais"....	247
PERES, Deila; RACHID, Elza e TROUCHE, Lygia. "O homem em busca da sua linguagem: a expressão da diversidade lingüística".....	253
SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. "Diversidade lingüística, língua de cultura e ensino do português".....	259

TEMAS DIVERSOS

ALCOFORADO, Doralice e ALBÁN, Maria del Rosário. "Problemas teóricos e práticos da transcrição de textos do romanceiro tradicional".....	267
CARDOSO, Suzana Alice. "Língua nacional, diversidade lingüística e constituição".....	275
COSTA, Edil e ALCOFORADO, Doralice (Orientador). "O conto popular e suas variantes".....	279
COUTINHO, Maria Lúcia Rocha. "Discurso feminino ou discurso do dominado?".....	287
SILVA, Maria Margarida. "Influência dos crioulos africanos na língua portuguesa do Brasil".....	293
TEIXEIRA, Elisabeth Reis. "Reflexões sobre a relação existente entre os processos fonológicos aquisicionais e os processos marcadores de estigmatização sociolingüística".....	299

A B E R T U R A

A Universidade Federal da Bahia sente-se honrada em estar comemorando hoje o centenário de nascimento do filólogo, dialectólogo e lexicógrafo brasileiro Antenor Nascentes e os seus 40 anos como instituição, com este *Simpósio sobre a Diversidade Lingüística no Brasil*.

Trata-se de uma ocasião ímpar de congregar especialistas da área da Dialectologia, essa ciência que estuda, através de técnicas específicas, as variantes de uma mesma língua no plano horizontal, ou seja, por área geográfica, e no plano social, correlacionando-as com dimensões socialmente pertinentes.

A Universidade Federal da Bahia conta com uma tradição de pesquisa na área da Geografia Lingüística, pesquisa essa que vem sendo executada pela equipe organizadora deste encontro e pelos demais colegas do Setor de Língua Portuguesa. Trata-se de nomes expressivos de nosso corpo docente que, muitas vezes com a colaboração dos estudantes, vêm desenvolvendo trabalhos em torno do assunto e que hoje são autores de uma ampla produção científica. Gostaria de ressaltar o nome do Professor Nelson Rossi, prestando uma homenagem a este lingüista, orientador do grupo baiano que publicou o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* e que lançou com essa obra as bases para a constituição de uma Dialectologia no Brasil. Além desse livro, nossas ilustres colegas apresentam em sua bagagem outra obra de grande porte, o "Atlas Lingüístico de Sergipe", realizado há uma década e que aguarda condições para a sua publicação.

Por isso nós nos sentimos honrados em estar hoje aqui nesta casa amiga, a Academia de Letras da Bahia, acolhendo vocês vindos de todos os quadrantes de nosso país para trazer sua preflexão em torno da problemática da Dialectologia e contribuir para o desenvolvimento desses estudos em nosso país.

O Instituto de Letras, dentro do processo de deteriorização física que está vivendo a Universidade Federal da Bahia e da crise que atinge toda a Educação Brasileira, está sem casa. A realização desse Simpósio, entretanto, vem atestar que, mesmo desabrigada, nossa comunidade existe como instituição e como espaço para a criação de conhecimentos.

É com este espírito de otimismo e de confiança que, em nome de nosso Reitor, Dr. Germano Tabacof, e no meu próprio, lhes dou as boas vindas e desejo sucesso para o encontro.

Salvador, 14 de outubro de 1986

Celina Scheinowitz

SAUDAÇÃO AOS PARTICIPANTES

SUZANA ALICE MARCELINO CARDOSO
Universidade Federal da Bahia

Em breves palavras gostaríamos de, em nome da Comissão Organizadora do Simpósio, dar as boas vindas aos colegas professores, pesquisadores e estudantes aqui reunidos e manifestar-lhes o nosso agradecimento pela acolhida a este chamado para discussão e reflexão sobre a diversidade lingüística no Brasil. Cumpre-nos também e preliminarmente agradecer aos professores responsáveis pelas conferências e aqueles que comporão o painel sobre os atlas lingüísticos do Brasil. A realização deste Simpósio, porém, tem ainda dois agradecimentos a formular: ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) que, sensíveis à questão, possibilitaram com a sua ajuda a concretização do que lhe propusemos; e um débito muito grande para com a Academia de Letras da Bahia que, compreendendo a importância do evento e a situação crítica pela qual atravessa o nosso Instituto de Letras¹, atendeu com presteza, solicitude e amizade o pedido que lhe formulamos, entregando-nos a sua bela casa. À Academia de Letras da Bahia, pois, e muito especialmente à pessoa do seu Presidente, Prof. Cláudio de Andrade Veiga, o nosso reconhecimento.

A conjunção de dois fatos, sumamente gratos a nós, o centenário de nascimento de Antenor Nascentes e a comemoração dos quarenta anos de criação da Universidade Federal da Bahia, conduziu-nos à idéia de realização de um simpósio no qual se discutissem a diversidade lingüística do Brasil, as relações entre variação lingüística e ensino da língua vernácula e a situação das línguas minoritárias no país. O fato de ser esta Universidade Federal da Bahia pioneira nos estudos de dialectologia brasileira, que aqui se implantaram com a chegada do Prof. Nelson Rossi, em 1955, e que hoje, apesar dos percalços e intempéries, sobrevivem numa linha ininterrupta de produção, justifica que nela se preste a Antenor Nascentes uma das possivelmente muitas homenagens de que se faz merecedor no centenário de seu nascimento.

Lingüista por opção, Antenor Nascentes, ao empreender os estudos sobre a variação do português no Brasil, declarou, já em 1922 quando publicou *O linguajar carioca*, que seu trabalho não era para a sua geração ao afirmar:

"...daqui a cem anos, os estudiosos encontrarão nele uma fotografia do estado da língua e neste ponto serão mais felizes do que nós, que nada encontramos do falar de 1822".

Era "um pioneiro" e "um revolucionário" como o definiu Zdenek Hampejs em artigo comemorativo dos setenta anos de Nascentes². Pioneiro, diz o articulista, "por ser ele iniciador de vários estudos que até então não foram empreendidos ou apenas o foram muito deficientemente"; revolucionárias as suas obras, continua, "por registrarem a língua viva e os fenômenos dialetais", para concluir mais adiante e com muito acerto:

"O Prof. Nascentes não se deixou atrair pela corren

te purista e dogmática que dominou a filologia por muitas dezenas de anos"³.

Nascentes alia, em sua obra, de forma magistral a descrição da língua à preocupação com o reconhecimento da variação dialetal que não quebra a unidade do sistema. O seu empenho em esquadriñar o português do Brasil leva-o a propor as bases para a elaboração do atlas lingüístico do Brasil⁴ para cuja realização, também numa visão preclara da realidade nacional, previa fosse feita através da elaboração de atlas regionais que depois se juntariam no atlas geral do Brasil. Louve-se no Prof. Nascentes o entendimento que teve dos caminhos para os estudos da geografia lingüística no Brasil, louve-se a sua grande contribuição aos estudos da língua portuguesa o que o faz merecedor das mais justas homenagens no centenário de seu nascimento.

Comemoramos também, nesse 1986, o quadragésimo ano de criação da Universidade Federal da Bahia. Talvez e nesse exato momento tenham as universidades federais autárquicas muito mais do que carpir e entristecer-se do que propriamente do que regozijar-se. Jovens, se comparadas às universidades centenárias da Europa ou mesmo a algumas das co-irmãs da América Latina, as Universidades públicas e gratuitas no Brasil construíram, nesse pouco de existência com que podem contar, um trabalho profícuo no desenvolvimento do pensamento científico do país e na preservação da cultura nacional. Funcionaram, nos momentos mais agros da ditadura, como baluartes na defesa das prerrogativas do cidadão brasileiro e dos direitos da Nação. Têm procurado como centro de pesquisa — e são elas, as universidades federais, que detêm o maior índice de pesquisa a nível universitário ainda que hoje não sejam numericamente majoritárias — desenvolver a duras penas e de forma muito diversificada de região para região um trabalho que permita integrá-las à realidade nacional e à comunidade, com propostas que resgatem, pelo menos parcialmente, o seu débito social. São essas universidades públicas, gratuitas, não discricionárias, voltadas para a pesquisa e para o saber produtivo, são exatamente essas universidades que no momento presente, momento em que se acredita ter a Nação escapado ao obscurantismo dos vinte e um anos de arbítrio, são essas universidades que passam a ser desprestigiadas, vilipendiadas, exauridas na sua capacidade de sustentação.

Então, por que comemorar quarenta anos de Universidade Federal da Bahia se mais teríamos o que chorar? Exatamente porque estamos convencidos do papel relevante que têm desempenhado e têm ainda a desempenhar no contexto nacional as universidades públicas e gratuitas. Livrá-las do processo de privatização a que se quer impeli-las, preservar o seu caráter público e gratuito é, nesse momento, um dever cívico. Por isso temos que comemorar: comemorar porque apesar de todo o esforço de destruição do ensino público e gratuito ele tem conseguido sobreviver; comemorar porque não obstante as investidas de ontem e, lamentavelmente, de hoje para tirá-las da responsabilidade do Estado e torná-las dependentes do poder privado, as universidades têm sabido reagir; comemorar porque estamos vivos e conscientemente responsáveis do nosso dever de preservar o patrimônio público e inalienável que são as universidades estatais; comemorar porque haveremos de saber resistir a mudanças impostas e não democraticamente assentadas; comemorar, enfim, porque apesar de tudo e apesar da situação em que se encontra o Instituto de Letras da nossa Universidade de ainda nos foi dado reunir para trabalhar.

NOTAS

1. O prédio do Instituto de Letras encontra-se interditado, desde o dia 18 de setembro do corrente ano, em virtude da sua deteriorização física.
2. Antenor Nascentes. *Revista Brasiliense*, 35 (1961), p.120.
3. *Ibid.* p.131.
4. *Bases para elaboração do atlas lingüístico do Brasil*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura - Casa de Rui Barbosa, 1958 e *Bases para elaboração do atlas lingüístico do Brasil - II*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura - Casa de Rui Barbosa, 1961.



TEMPO E ASPECTO EM JÁ E AINDA

SÔNIA BASTOS BORBA COSTA
 Universidade Federal da Bahia

Esta comunicação é fruto de uma seção da minha dissertação de Mestrado que venho de terminar muito recentemente e que se encontra, no momento, impossibilitada de prosseguir o seu caminho, em virtude da interrupção das atividades regulares do Instituto de Letras da UFBA., devido a razões já conhecidas por todos. O texto deve muito também à conferência apresentada por Oscar Lopes ao Congresso sobre a situação actual da língua portuguesa no mundo realizado em Lisboa, 1983, cujo título é "Algumas peculiaridades do Português, e especialmente do Português europeu, que importam à teoria da semântica linguística universal". O tema da minha dissertação é a categoria de Aspecto na língua portuguesa, abordada semanticamente nas classes de palavras que tradicionalmente se denominam *verbos*, *substantivos*, *adjetivos* e *advérbios*, e o *corpus* fundamental é constituído por segmentos retirados de dezesseis inquéritos da categoria D2, faixa etária 1, do Projeto NURC-Salvador.

Esclareço, desde já, que os inquéritos não foram utilizados exaustivamente, e sim que deles foram retirados trechos que pareciam, à primeira vista, interessar à análise do tema. Funcionaram, assim, sobretudo como *corpus* de exemplificação.

Naturalmente a abordagem das formas em foco se dá na seção dedicada aos advérbios, que preferi incluir, junto com locuções adverbiais, conjunções e formulações circunstanciais oracionais (todas veiculando noções de tempo), naquilo que denominei Circunstancias Temporais. As formas AINDA / AINDA NÃO / JÁ / JÁ NÃO foram alvo de uma seção especial, tanto pela sua grande incidência no *corpus*, quanto porque são, de fato, bastante instigantes quanto às noções que expressam.

No meu trabalho, preocupo-me, principalmente, em estabelecer quais dos circunstanciais temporais encontrados expressam noções aspectuais, quer como únicos marcadores da categoria na frase, quer como co-ocorrentes que reforçam ou alteram a marca aspectual dos demais elementos da frase.

Defendo o ponto de vista de que as formas AINDA / AINDA NÃO / JÁ / JÁ NÃO não são marcadores aspectuais e sim marcadores da categoria de Tempo.

Para que se compreenda, contudo, o raciocínio que desenvolvo, julgo necessário fazer algumas observações de caráter mais geral acerca das situações linguísticas em que podem ocorrer essas formas.

Construindo o seu discurso, individual ou dialógico, o falante precisa estabelecer uma linha organizativa que lhe sirva de orientação, a si e a seu interlocutor. Essa linha pode ter naturezas diversas, mas é, em geral, ou uma linha temporal, ou uma linha espacial, ou uma linha argumentativa. Pode-se dizer melhor, com Oscar Lopes, que todo discurso se constrói em direção a um *têlos*, a uma finalidade objetiva, e apresenta, em geral, marcas dessa finalidade ou dessa necessidade de seqüenciamento. Nas suas próprias palavras seriam "marcas de equifinalidade, quer

dizer, de casos em que um *télos*, ou fim objectivo, se mantém através da variabilidade dos trajectos possíveis, ou mais ou menos prováveis, dos acontecimentos e da cooperação social verbalizada". Ou como diz mais adiante: "trata-se de pequenos ciclos de previsão, finalidade, teleologia, empiricamente inscritos nos nossos hábitos práticos, mentais e discursivos".

O falante sente necessidade, portanto, de organizar o seu discurso em função do atingimento deste fim objectivo.

Observa-se que essas linhas organizativas se ligam fortemente àquela classificação das entidades semanticamente representadas nas línguas, que Lyons, no segundo volume de *Semantics*, baseado sobretudo em Vendler, chama de entidades de primeira, segunda e terceira ordens.

As entidades de primeira ordem são, como se sabe, aquelas representadas pelos objetos físicos, incluídas as pessoas. Localizam-se no espaço e a elas nos referimos dizendo que existem.

As entidades de segunda ordem são os acontecimentos, os processos, os estados e outros tipos de ocorrências que podem ser localizadas no tempo. A elas nos referimos dizendo que acontecem ou sobrevêm. As entidades de segunda ordem têm com o tempo as mesmas relações que as entidades de primeira ordem têm com o espaço.

As entidades de terceira ordem são abstratas, fora do tempo e do espaço, como, por exemplo, as proposições. A elas nos referimos dizendo que são verdadeiras ou falsas, nunca dizendo que são reais ou que acontecem. A noção de *verdade* é, portanto, o correlato de terceira ordem daquilo que é a *existência* para as entidades de primeira ordem e a *localização no tempo* para as entidades de segunda ordem.

Ora, como já antes referido, os discursos, em geral, têm linhas organizativas que são ou espaciais, ou temporais ou linhas de ordenação de proposições, que aqui estou chamando de argumentativas. Quer dizer, quando se fala, normalmente se tem como elemento de apoio para a construção do discurso ou o espaço, ou o tempo, ou alguma coisa bem mais abstrata, a linha de sequência do pensamento, a depender de estarem os fatos referidos: localizados ou se deslocando no espaço; de serem fatos que se põem, se antecedem ou são simultâneos no tempo; ou de serem proposições que não se localizam nem no espaço nem no tempo, mas que se amarram umas às outras numa certa linha que o raciocínio acompanha. Para esse último caso, pode-se tomar como exemplo a construção de um silogismo, que não precisa necessariamente colocar as afirmações no tempo ou no espaço, mas que as organiza a partir de um tipo de espaço/tempo mental, que não tem correlação física, mas constitui o contexto no qual se dispõe o discurso. Nos discursos, portanto, podemos detectar referenciadores do espaço ou referenciadores de tempo, ou alguns tipos de elementos de ligação que vêm a construir essa tal linha argumentativa. Para o caso do espaço, temos um bom exemplo nos pronomes demonstrativos; só se podem entender os demonstrativos nos enunciados, se se toma como suporte referenciador o espaço; para o caso do tempo, temos um bom exemplo em formas como *agora*, *ontem* ou *depois*. Para o caso do espaço/tempo mental, em geral algumas mesmas formas referenciadoras de tempo e de espaço são usadas, como também formas não tão claramente espaço-temporais, mas que assim podem ser também encaradas, se analisadas a nível mais profundo, como,

por exemplo, o condicional *se*.

Tratar de tempo e de espaço em língua é se aproximar da noção de *déixis*. Não se pode, contudo, afirmar que todos os marcadores discursivos temporais ou espaciais são *déiticos*. A *déixis* só se instaura a partir da categoria lingüística de Pessoa, porque refere as coordenadas de tempo e de espaço, a partir daquele que enuncia. De fato, há uma tendência natural a organizar o tempo e o espaço no discurso, a partir de ponto de vista do falante, que se toma como referência, e os elementos de seu enunciado são organizados a partir do seu ponto locativo-temporal. É a instauração desse ponto locativo-temporal e a sua tomada em consideração que instaura a *déixis* lingüística.

Analisando-se expressões espaciais e temporais da língua portuguesa, observa-se que formas como *aqui* e *agora* são evidentemente *déiticas*. Mas que dizer de formas como *no interior* e *em Salvador*? Na minha dissertação, estabeleço a distinção entre as categorias de Tempo e de Aspecto (segundo autores como Lyons, Castilho, entre outros), a partir da consideração da categoria Tempo como *déitica* e da categoria Aspecto como não-*déitica*. Resumidamente, poder-se-ia estabelecer a distinção assim: o Tempo organiza os fatos numa linha cronológica que toma em consideração, como ponto de referência fundamental, o ponto temporal do falante, portanto, o ponto *déitico*. Daí, considero todos os elementos lingüísticos que organizam os fatos dentro dessa linha cronológica (que só se estabelece a partir do ponto *déitico* da enunciação) como elementos atinentes à categoria de Tempo. Desse modo, noções de anterioridade, de posterioridade e de simultaneidade são relativas à categoria de Tempo.

O Aspecto é a categoria lingüística que permite a referência à constituição temporal interna dos fatos enunciados. Essa referência independe do ponto temporal do falante, visto que centra o tempo no fato e não o fato no tempo. A oposição básica aspectual caracteriza-se por opor a não-referência a essa constituição temporal interna (termo não-marcado da oposição — o PERFECTIVO) a essa referência (termo marcado — o IMPERFECTIVO). O IMPERFECTIVO pode referir o fato enunciado como em curso; referir uma das fases constitutivas da temporalidade interna do fato (inicial, intermediária, final); ou referir o fato como um estado resultante de um processo anterior. Aspecto opõe-se a Tempo portanto, sobretudo pela oposição entre categoria não-*déitica* (Aspecto) e categoria *déitica* (Tempo). Em consequência, ficam excluídas do âmbito aspectual quaisquer noções temporais que tomem o ponto *déitico* como referência, o que implica em admitir como não-aspectuais, além das noções de *presente*, *passado* e *futuro*, noções temporais outras não constitutivas da temporalidade interna do fato considerado (iminência, iteração, simultaneidade, precedência, posterioridade, frequência e não-marca temporal). Estabelecidas essas preliminares, julgo podermos passar à análise dos circunstanciais aqui em foco e de seus empregos no corpus analisado.

De início é preciso lembrar que a negação do JÁ é AINDA NÃO e a negação do AINDA é JÁ NÃO. Ou seja, a uma pergunta do tipo: "ELE AINDA ESTÁ ACORDADO?", a resposta afirmativa pode ser: "É, AINDA ESTÁ"; e a negativa pode ser: "NÃO, JÁ NÃO ESTÁ" (que o uso, pelo menos no Brasil, tem preferido substituir por "NÃO, NÃO ESTÁ MAIS").

Da mesma maneira, a uma pergunta do tipo: "ELE JÁ ESTÁ

ACORDADO?", a resposta afirmativa pode ser: "É, JÁ ESTÁ"; e a negativa pode ser: "NÃO, AINDA NÃO ESTÁ".

Pergunta-se: que noções exatamente esses circunstanciais temporais expressam?

No meu entender, o AINDA marca a permanência de um estado ou a manutenção de um processo em curso, enquanto o JÁ marca a chegada a um ponto que estava sob expectativa para o falante e/ou para o ouvinte, chegada que implica numa mudança de estado ou no término de um processo. São, assim como o ANTES e o DEPOIS, ordenadores temporais, embora alguns usos não temporais também sejam possíveis. Quando temporais sua função é organizar o discurso tendo como ponto de apoio a linha cronológica e como fim objetivo a expectativa que orienta a construção desse discurso. Organizam cronologicamente não apenas pontos temporais estanques, como também fases internas constitutivas de lapsos temporais. Possibilitam, assim, o tratamento lingüístico de seqüências de fases num processo imediatamente sucedidas pelo estado ou fases de processo seguintes em termos cronológicos, na direção daquela equifinalidade do discurso de que fala Oscar Lopes.

Vamos imaginar, por exemplo, a seguinte seqüência:

MÁRIO AINDA ESTÁ DORMINDO / ELE JÁ ACORDOU / ELE AINDA NÃO SE LEVANTOU / ELE JÁ NÃO ESTÁ DEITADO.

Nessa seqüência, vamos admitir que o objetivo orientador do processo de enunciação seja a expectativa de que Mário se levante e venha a estar com o falante. Tendo essa expectativa como guia, este falante:

- 1) Usa o AINDA para indicar que o processo de dormir está em curso;
- 2) Usa o JÁ para indicar que o ato de acordar, ponto temporal que é um progresso face à expectativa que subjaz à enunciação, foi atingido;
- 3) Usa o AINDA NÃO para indicar que a etapa seguinte na direção da expectativa não foi atingida, portanto que a situação anterior se mantém;
- 4) Usa o JÁ NÃO para indicar que a situação antes referida foi alterada.

Oscar Lopes, a esse respeito pronuncia-se assim: "o *ainda* não está no futuro, ou porvir, o *já* assinala o trespasse da fronteira do futuro ao presente, o *ainda* assinala uma mudança por consumir, o *já não* a mudança consumada". Ao meu ver, gracejando um pouco, creio que se pode dizer que, se a expectativa final que organiza o discurso é algo de bom, de desejável o AINDA marca uma esperança; o AINDA NÃO marca uma decepção parcial, que continua a autorizar a esperança; o JÁ marca o regozijo; o JÁ NÃO marca a nostalgia ou qualquer sentimento que possa suceder a um regozijo.

Há ainda aspectos acerca do uso, sobretudo do JÁ, bem interessantes para a observação. Trata-se do seu uso em expressões curtas, do tipo *slogans*, como a série que tem surgido no Brasil sobretudo depois da campanha das DIRETAS JÁ. Nesses *slogans*, fica evidenciada a expressão da expectativa que subjaz a esses circunstanciais e que organiza a sua equifinalidade, para usar o termo de Oscar Lopes. O que se queria quando se enunciava DI-

RETAS JÁ era o regozijo.

Esse jogo de ordenação na direção de uma expectativa-fim, pode se observar também para casos em que não é a linha de tempo que organiza o discurso. Em exemplos como: "ESSE RACIOCÍNIO AINDA É IMPORTANTE PARA A NOSSA ANÁLISE DEVIDO A SUA ATUALIDADE; JÁ ESSE OUTRO PONTO NÃO DEIXA DE TER O SEU INTERESSE", a função organizativa dessas formas se apóia, ao meu ver, no domínio da linha argumentativa. Quanto a exemplos como aquele usado por Oscar Lopes, a saber: "O EMBRULHO AINDA CABE NA MALA" ou "O EMBRULHO JÁ NÃO CABE NA MALA", eu pergunto: esses circunstanciais são referenciadores de tempo ou de espaço? Oscar Lopes afasta a interpretação temporal. Quanto a mim, confesso a minha indecisão.

A observação dos segmentos do *corpus* do Projeto NURC/Salvador que levei a efeito em meu trabalho prendeu-se à co-ocorrência desses circunstanciais com a expressão da PERFECTIVIDADE e da IMPERFECTIVIDADE expressas pelos demais elementos da frase, sobretudo as formas verbais, visto que considero ter ficado estabelecido que esses circunstanciais não indicam, por si sós, noções aspectuais.

Observei que o JÁ, o JÁ NÃO e o AINDA NÃO podem co-ocorrer com ambas as possibilidades aspectuais, como se pode aquilatar dos exemplos listados em anexo. Tem-se o JÁ associado à IMPERFECTIVIDADE nos exemplos de (1) a (13) e associado à PERFECTIVIDADE nos exemplos de (14) a (21); o JÁ NÃO ocorre associado à IMPERFECTIVIDADE nos exemplos (22), (23) e (24). Não ocorreu exemplo de JÁ NÃO associado à PERFECTIVIDADE. Contudo, a ocorrência desses circunstanciais com formas indubitavelmente perfectivas não parece improvável (é perfeitamente previsível uma frase do tipo QUANDO CHEGUEI, JÁ NÃO VI O QUE QUERIA).

Ocorreram apenas dois exemplos de AINDA NÃO, os de nºs (25) e (26), o primeiro associado à IMPERFECTIVIDADE e o segundo à PERFECTIVIDADE.

Quanto ao AINDA é, desses circunstanciais, o que merece mais atenção do analista que se preocupe com a aspectualidade da frase. Ocorre que, indicando esse circunstancial um processo que se desenvolve, sua presença indica que o fato a ele correlacionado deve ser considerado imperfectivamente. De fato, das suas ocorrências no *corpus*, quatro o apresentam em co-ocorrência com formas verbais imperfectivas (exs. (27), (28), (29) e (30), e três indicam pelo menos a visualização do fato verbal como um processo (exs. (31), (32), (33)).

Quanto à análise desses circunstanciais face à aspectualidade da frase, concluo, portanto, que apenas o AINDA, embora em si mesmo não expresse a temporalidade interna de qualquer fato, é sempre indício de frase marcada aspectualmente para a imperfectividade, visto que é capaz de, pela sua simples presença, evidenciar o fato referido como um processo em curso. Os demais não interferem no modo como a temporalidade interna dos fatos e enunciados está sendo considerada na frase.

EXEMPLOS:

- (1) "VOCÊ SENTA NUMA CADEIRA DE DENTISTA, JÁ ESTÁ DOENDO ANTES DE VOCÊ FAZER UMA OBTURAÇÃO" (Inq. 63)
- (2) "... A CARNE JÁ ESTANDO LIMPA, TRATADA..." (Inq. 82)

- (3) "JÁ HAVIA ARRUAMENTO?" (Inq. 95)
- (4) "É O QUE JÁ SE COMEÇOU A FAZER..." (Inq. 141)
- (5) "JÁ ANDEI ME INFORMANDO E DAÍ A UM TEMPO VOCÊ AINDA ESTÁ DEVENDO..." (Inq. 143)
- (6) "EU CORTEI A GRAMA E ELA JÁ ESTÁ FEIA MESMO". (Inq. 97)
- (7) "ENTÃO SÃO PROFISSÕES JÁ MAIS SATURADAS". (Inq. 141)
- (8) "... OS ALUNOS, CONSEQÜENTEMENTE, VÃO SAINDO JÁ PREPARADOS". (Inq. 141)
- (9) "CONCORDO QUANDO VOCÊ DISSE QUE RE...EDUCAR E INTEGRAR O HOMEM JÁ FORMADO..." (Inq. 153)
- (10) "... NÃO PODE PERTURBAR A ORDEM, ELA JÁ ESTÁ PERTURBADA". (Inq. 153)
- (11) "QUER DIZER, EU JÁ ESTAVA CONFORMADO NA CADEIRA". (Inq. 153)
- (12) "LÍVIA, APESAR DE SER MENOR DO QUE ELA, TER SOMENTE DEZ MESES, JÁ ESTÁ SE INTERESSANDO MUITO POR PARQUINHO". (Inq. 190)
- (13) "HOJE, EU JÁ ESTOU NUM PONTO ASSIM DE PARTIR PARA PERGUNTAS..." (Inq. 143)
- (14) "JÁ DEVIA TER CORTADO HÁ UMA SEMANA ATRÁS..." (Inq. 97)
- (15) "ALÉM DISSO, OS PAIS DELA JÁ É CONHECIDO ANTIGO DOS MEUS PAIS". (Inq. 162)
- (16) "ENTÃO, ELE PÁRA... JÁ ANDA UM POUQUINHO, PÁRA MAIS ADIANTE..." (Inq. 186)
- (17) "AGORA, DESSAS CIDADES QUE NÓS JÁ PERCORREMOS ULTIMAMENTE..." (Inq. 190)
- (18) "CÁ NA CACHOEIRA, JÁ É A SEDE, AÍ É UMA CIDADE PLANEJADA..." (Inq. 203)
- (19) "E VOCÊ JÁ VIU, VOCÊ JÁ NOTOU COMO ESTÁ MUDANDO ASSIM..." (Inq. 204)
- (20) "CLARO QUE... JÁ É ALGUMA COISA". (Inq. 204)
- (21) "CAI NA ROTINA, VOCÊ JÁ ACOEDA DE MANHÃ..." (Inq. 204)
- (22) "E AGORA ELA JÁ NÃO ESTÁ MAIS COMEMORANDO NA ESCOLA, VAI COMEMORAR MAIS SÓ LÁ DE TARDE..." (Inq. 143)
- (23) "JÁ NÃO ESTOU INDO MAIS À FEIRA". (Inq. 186)
- (24) "JÁ NÃO VOU À FEIRA". (Inq. 186)
- (25) "APESAR DO GOVERNO TER INAUGURADO O EMISSÁRIO SUBMARINO, QUE AINDA NÃO FOI CONSTRUÍDO, DIGA-SE DE PASSAGEM ..." (Inq. 153)
- (26) "AINDA NÃO É O MOMENTO DE EU TÁ ME PREOCUPANDO COM ISSO. (Inq. 162)
- (27) "VOCÊ SABE, AQUI AINDA EXISTIAM MUITOS LOTES PERTENCENDO A TERCEIROS..." (Inq. 95)
- (28) "ESTAVA AINDA EM CONSTRUÇÃO PARTE DE BRASÍLIA". (Inq. 95)
- (29) "E A MANGUEIRA AINDA CONTINUA A DAR?" (Inq. 97)
- (30) "E DAÍ A UM TEMPO, VOCÊ AINDA ESTÁ DEVENDO OITOCENTOS". (Inq. 143)
- (31) "E VOCÊ AINDA HOJE TEM ESSA CASA?" (Inq. 97)
- (32) "NÃO LEVEI AINDA NO JARDIM ZOOLOGICO..." (Inq. 190)
- (33) "EU COMPREI DURANTE O ANO TODO, ANTES... E 75 EU AINDA COMPREI MUITO". (Inq. 190).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CASTILHO, Ataliba. *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*. Marília, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1968 (Coleção de Teses, 6).
2. COSTA, Sonia Bastos Borba. *O Aspecto em Português: reflexão a partir de um fragmento do corpus do Projeto NURC*. UFBA,

1986 (Dissertação de Mestrado - entregue para julgamento).
Mimeo.

3. LOPES, Óscar. "Algumas peculiaridades do Português, e especialmente do Português europeu, que importam à teoria da semântica lingüística universal". In: *Actas do Congresso sobre a situação actual da língua portuguesa no mundo*. Lisboa, Instituto de Língua e Cultura Portuguesa. 1985. p. 85-104.
4. LYONS, John. *Sémantique Linguistique* [Semantics - v. 2]. Trad. de J. Durand e E. Boulonnais. Paris, Larousse, 1980 (Collection Langue et Langage).